

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOLUME II

1959

NÚMERO 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

Como se viu no lugar próprio em que a palavra foi discutida, é o aoristo poético do verbo *baivo*.

Ocorre agora acrescentar, como nota à margem, que se esta inscrição tivesse aparecido há uns bons 70 anos, a «divindade» que nela aparece seria desdobrada em duas esquipáticas palavras —VIEANIAVSI BANDVIOSCLE—e seria considerada peremptoriamente celta por causa do radical do segundo membro. O sr. Hölder, então, muito dado à operação venatória da caça aos enigmas célticos, antes que outro lhe arrebatasse a merecidíssima glória, enfiaria sôfregamente a «divindade» no seu *Alt-celtischer Sparschatz*, magnífico armazém de inutilidades, como o fez a muitas outras, ainda que com erros substanciais de leitura. Mesmo assim, faria prolixas deduções filológicas para convencer o próximo e, o enigmático celta, completamente inocente neste transe, ficaria enriquecido com mais duas palavras a que depressa arranjariam semântica.

Eis-me chegado ao fim. Disse pouco no muito que escrevi. Que me perdoem se desse pouco não resultar qualquer préstimo, que era afinal aquilo para que vim.

O 27 de Fevereiro

Pelo Dr. VASQUES CALAFATE

Com este título ficou assinalada, na história trágico-marítima dos pescadores portugueses, uma das maiores catástrofes de que há memória — faz por estes dias 52 anos. Nesse 27 de Fevereiro de 1892, um vendaval forte açoitou, de repente, a nossa costa e, em poucas horas, convertia o mar num cemitério de naufragos, ao longo do litoral.

Só da Póvoa de Varzim morreram afogados uns 70 homens. Foi, de resto, a terra mais vitimada da beira-mar, já por ser, então, o centro piscatório mais populoso do País, já porque os seus barcos andavam muito arredios, segundo o costume laborioso e aventureiro das respectivas companhas.

Umhas 43 lanchas poveiras, com um total de cerca de mil tripulantes, tinham largado, na véspera, para o «Mar da Cartola», entre Ovar e Aveiro, à pesca da pescada, por lugares de 65 braças de fundo. Mais terrenhos (todavia, a umas 10 milhas de longitude), estacionavam os rasqueiros, para as bandas da «Farilhuda» — pedra submarina que fica no enfiamento de um monte de Valongo, denominado pelos pescadores «o Escarvado», em virtude do aspecto calvo do seu cabeça, e que lhes serve de marca orientadora, naquelas alturas. Cento e noventa homens seriam os dos rasqueiros. Isto sem falar nos poveiros que mareavam por outros sítios, à cata de peixe, nesse dia fatídico.

Mas os seus maiores ajuntamentos eram, de facto, naquelas paragens mencionadas, porque ali se apinhavam, por essa ocasião, cardumes de qualidade, que as redes da Póvoa apanhavam em abundância e se vendiam, em muitos portos, por bom preço. A anesa ia correndo menos mal, e eles aproveitavam essa maré para se desforrarem da miséria que passavam, nas largas temporadas de descansa forçado, a que os obrigava a invernia.

Como vínhamos dizendo, andavam nessas viagens, para as lonjuras de Aveiro, as embarcações poveiras de maior porte, quando sucedeu a calamidade do 27 de Fevereiro, que encheu de luto numerosas famílias e de horror a Nação inteira.

Tinham partido para lá, no dia 26, com tempo escorreito,

tocadas por vento lés-nordeste, navegando de feição, o pano amurado, à escota larga. Nada deixava prever a tempestade que, no dia seguinte, havia de rebentar tão violenta e pavorosa, semeando a morte.

Ainda em 27, de manhã, na Póvoa, não se via motivo para futurar desgraças. É verdade que o vento andou ali a querer rodar para o Sul, sopra deste lado, sopra daquele, em rabanadas indecisas, a fazer negaças. Turvaram-se um pouco os céus e chegaram a cair alguns chuviscos, que mal humedeceram o pó do chão. Também as águas, lá fora, apresentaram certo «rebojo», certo boleio, de mau agoiro, o que levou alguns velhos arrais a temerem mudança de tempo. O seu instinto de marinheiros, apurado pela experiência, pressentia nos ares borrasca iminente. Apesar disso, afoitaram-se ao mar, não fosse a «canalha nova» tomar por medo a sua prudência, uma vez que os preságios só podiam ser, por enquanto, muito vagos. Endurecidos pelos perigos e bravos de seu natural, não hesitaram... Há-de ser o que Deus quiser! E abalaram para o mar alto, firmes na sua fé, animados pela sua coragem heroica, que lhes vinha de nascença.

Já no largo, porém, os sinais do mau tempo carregaram-se. Nuvens baixas e ensombradas entravam a afrontar do Sul, onde se fixara o vento. A concha do céu, a cobrir-se de «rabagens», dava indícios de grossa tormenta em gestação. O tempo, como o outro que diz, estava a prantar-se feio.

O «tio» Olaia, que de tudo isto se apercebeu, porque era entendido nestes «jeitos dos astros», não esteve com meias medidas: desandou lesto para terra, a mais a sua gente, antes que se fizesse tarde. Foi a primeiro a chegar à «Ribeira», ainda os outros barcos não se enxergavam na volta. Não se via que viessem arribados.

Ora, foi o fim do mundo! As mulheres da companhia, todas num levante, injuriaram-nos à boca cheia, e, com punhados de areia contra a cara, gritavam-lhes que tornassem para trás, que tivessem vergonha, os medricas, e fossem buscar as redes, que se ficaram a melar na água. Aperrearam-nos. E negavam-se a alar o barco, com riscos de o deixarem ali «enxorado» na praia.

Afinal, o «tio» Olaia tinha razão. Os factos demonstraram-no depois; mas, antes disso, também os outros barcos debandaram para Leixões, por já não poderem meter-se à barra da Póvoa. Foi o mestre Zé Benta quem deu o alarme de perigo à vista.

Livraram-se por um triz! Daí a instantes, desencadeava-se a tormenta com toda a fúria, não dando tempo aos barcos, que se encontravam longe, de se abrigarem nos portos mais próximos. Eram atirados para o Norte pela força do vento e a correnteza das águas, desarvorados. Iam por aí adiante, sem comando, de todo extraviados e atordoados. O leme não havia ter mão nele.

ao querer rumar de través para lugar de salvamento. O mar, todo ele, parecia ferver em cachão. Onde menos se esperava, chocavam-se as ondas, e os barcos afundavam-se a miúdo naquela marulhada. Para mais, uma cerração forte não lhes deixava ver para onde iam. Passavam uns pelos outros como fantasmas fugidios, quando não se abalroavam, e uns aos outros pediam socorro impossível, em altos gritos. Ao largo da Póvoa, o mestre Praga, que já vinha à ventura das alturas de Aveiro, ainda tentou —



NA PÓVOA DE VARZIM—O DIA 27 DE FEVEREIRO

(Desenho de A. Silva)

Occidente
11/3/1892

aproveitando uma pequena «estanhadela» (mar liso) — salvar os homens da lancha *Senhora da Guia*, que encontrou a boiarem sobre as redes, agarrados à «madeira»; mas uma rajada impetuosa arrebatou-lhe o barco, de alancão, até dar com ele em Vila Garcia; na Galiza, depois de ter vencido muitas curvas da morte, no caminho da sua atribulada peregrinação. Os da lancha sinistrada morreram afogados no mar; o mestre Praga morreu, daí a dias, em sua casa, afogado no desgosto de não lhes ter podido valer.

De terra viam-se, às vezes, nos curtos parêntesis da borraceira que empoeirava o ar, esgueirar-se, aqui, um barco, submergir-se outro, ali — talvez o mesmo —, por entre os rodilhões das vagas, num repêlão da ressaca.

Desgrenhadas, em correrias desvairadas, gritando a sua dor, sem limites nem reservas, despedaçando-se contra o chão, até fazerem sangue nos corpos, viam-se as mulheres da pescaria por toda a praia, sofrendo a angústia dos seus parentes na própria alma crucificada. Quebravam os corações contra o Céu a implorar misericórdia:

— Chagas abertas do Senhor, valei-lhes! Jesus, Maria, José vos acompanhem!

Às vagas revoltas, avançavam para a capela de S. José de Ribamar — algumas às punhadas contra as paredes exteriores, para que se ouvissem bem, lá dentro, as suas chamadas de socorro — e de joelhos, mãos erguidas, como de náufragos num oceano de agonia, suplicavam em altos brados:

— Ó S. José, ponde-vos ao leme!

Sem se saber como, jogado pelas ondas, por cima da penedia, deu à praia, com todos os tripulantes, são e salvos, um barco de Matosinhos. A multidão recolheu-os e agasalhou-os. Dias depois, quando se andava a levantar os cadáveres que a língua da maré lançava à costa, eles foram vistos na sua terra (já as famílias não contavam com eles), levando aos ombros os restos da vela que escapara do naufrágio, a caminho da igreja do Senhor de Matosinhos, onde iam cumprir um voto que haviam feito no alto mar. Os poveiros também andaram muito tempo nessas piedosas romagens; e, a datar de então, deixaram de usar os tradicionais trajos garridos, domingueiros, singularmente característicos da sua grei: calça e véstia brancas, percinta da mesma cor, listrada de azul, e comprido catalão vermelho. Em seu lugar, passaram a usar fatos escuros, da cor do luto do «27 de Fevereiro».

O Comércio do Porto
25/2/1944

(Revisto pelo autor)

O Castelo do Paranho, em Terroso (Póvoa de Varzim)

Pelo DR. EUGÉNIO DE ANDREA DA CUNHA E FREITAS

Uma légua da Póvoa de Varzim, na estrada de Barcelos, fica a antiquíssima freguesia de Santa Maria de Terroso, sob o *Monte da Cidade* — restos de vetusta povoação pré-romana, que ainda em 953 servia de referência para a localização de Vila do Conde — *prope ribulo que subtus montis terroso, id est uilla de comite* . . . (1).

Deixando a estrada, logo depois de Amorim, um ramal conduz à igreja de Terroso; poucos metros adiante encontra-se o lugar do *Paranho* e, passada a escola, outro caminho leva-nos à *Casa do Paço*. Por detrás dela, e sua pertença, erguem-se as ruínas do *Castelo do Paranho*, ou de *Cavaleiros*.

Inteiramente ignoradas dos investigadores desta região, casa e torre têm a sua história e incontestável valor arqueológico.

Reinando D. Sancho II, o fidalgo D. João Peres Redondo, grande senhor daqueles tempos, comprou no lugar de S. Lourenço, desta freguesia de Terroso, certos bens de herdadores, e com eles fez *honra* de toda a vila (2).

Seu filho e sucessor, João Anes Redondo, quis alargar, mais ainda, os bens paternos. Cobiçou o lugar de *Paramo*, que era *por-meio* de El-Rei e de lavradores, e, sem hesitações, lançou mão dele: *... fez Joãne aães Redondo em esta herdade tal huã casa que chamam Paramhos e das pedras das casas em que moravaõ os lavradores fez casas e moradas. E per Razom desta casa fugirom ende os homeens que hy moravaõ e ficarom as herdades delRey hermas, e as de lavradores, e meteo trás muro ende as demais, e fez hy orta e vinha e lavoira. E chama todo per seu herdamento e per ssaa honrra e fez hontra novamente de paramos de jusaõ e de paramhos de ssusaõ e de trees poboas novas*

(1) *Vimaranis Monumenta Historica*, II, doc. 340.

(2) *Inquirições* de D. Dinis, *Alem-Douro*, fl. 80 vs.º, na Torre do Tombo.